



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

CÁSSIA DE SOUZA FERREIRA

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL NO FALAR DOS MORADORES DA VILA  
DE SERRA DO NAVIO: UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO**

MACAPÁ

2021

CÁSSIA DE SOUZA FERREIRA

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL NO FALAR DOS MORADORES DA VILA  
DE SERRA DO NAVIO: UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Amapá como requisito para  
obtenção de grau no curso Licenciatura em Letras  
Português/Inglês.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celeste Maria da Rocha Ribeiro

MACAPÁ

2021

CÁSSIA DE SOUZA FERREIRA

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL NO FALAR DOS MORADORES DA VILA  
DE SERRA DO NAVIO: UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Amapá como requisito para  
obtenção de grau no curso Licenciatura em Letras  
Português/Inglês.

Macapá, 24 de março de 2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celeste Maria da Rocha Ribeiro  
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

---

Prof. Dr. Antonio Almir Silva Gomes  
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

---

Prof. Dr. Romário Duarte Sanches  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

## A VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL NO FALAR DOS MORADORES DA VILA DE SERRA DO NAVIO: UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO

Acadêmica: Cássia de Souza Ferreira<sup>1</sup>

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Celeste Maria da Rocha Ribeiro<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva mapear os usos linguísticos realizados pelos moradores da Vila de Serra do Navio, município do Estado do Amapá, no tocante aos aspectos semântico-lexicais do português brasileiro falado no referido local. A pesquisa segue os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional (CARDOSO, 2002) e da Geolinguística (CARDOSO, 2010). A coleta foi realizada na vila urbana de Serra do Navio e contou com 4 informantes, das faixas etárias de 18-30 e 50-75, sendo 1 mulher e 1 homem de cada faixa etária, todos com a escolaridade de Ensino Fundamental incompleto. Por meio dos resultados obtidos, tem-se uma amostra da realidade linguística lexical do município de Serra do Navio. Observa-se pelos dados que o repertório lexical dos falantes serranavienses/serranos é construído a partir das trocas entre os falantes das mais diversas origens, principalmente, em decorrência do processo de criação da cidade e de seu fluxo migratório, embora esse movimento seja atualmente esporádico. Ressalta-se ainda que, o maior acesso virtual no local intensifica as trocas com falantes de outras localidades atualmente. A variação lexical encontrada reflete a realidade social do local pesquisado.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия. Geolinguística. Variação Lexical. Mapeamento Linguístico. Serra do Navio.

### INTRODUÇÃO

A Dialetoлогия situa-se, atualmente, no campo da Sociolinguística e possui como método precípua a Geolinguística. Os estudos de cunho dialetológico e geolinguístico possuem como foco a identificação, descrição, e situação das diferenças dialetais distribuídas no espaço geográfico; além disso, levam em consideração os aspectos sociocultural e cronológico, fazendo uso de mapas para o registro dos dados (CARDOSO, 2002; 2010). Como principal resultado, os estudos nessa área apresentam um número de atlas linguísticos produzidos, desde sua definição como ciência com método próprio no século XIX.

A publicação desses atlas representa, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994), o fim de um estágio que possibilita os mais distintos estudos dialetais, pois um atlas se constitui documento de uma realidade linguística em seus diversos níveis. Dessa forma, o primeiro atlas publicado, que também inaugurou o método geolinguístico, foi o *Atlas Linguistique de La France* (ALF) em 1902. A partir da publicação deste, na Europa, os estudos na área da Dialetoлогия ganharam espaço e alcançaram o continente Sul Americano.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês/UNIFAP.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística; Docente do Departamento de Letras e Arte da Universidade Federal do Amapá; Coordenadora do Atlas linguístico do Amapá, Brasil.

No Brasil, o método geolinguístico toma forma por volta de 1952 com a preocupação em relação à sua implementação e o interesse em produzir o atlas linguístico nacional (FERREIRA; CARDOSO, 1994). Interesse este que foi retomado em 1996, por ocasião do Seminário “Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil”, e tornou-se um objetivo alcançado em 2014, com a publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB).

Além do ALiB, atlas de caráter regional foram publicados pelos Estados do país, como é o caso do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) em 1963, primeiro atlas linguístico brasileiro; o Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA) em 2004, entre outros. Dentre esses, se encontra também o *Atlas Linguístico do Amapá* (ALAP), publicado em 2017; o ALAP abrangeu 10 municípios do Estado do Amapá, a saber: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jarí, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene e Oiapoque. Por causa dos critérios de seleção estabelecidos pela equipe de pesquisadores do ALAP, alguns municípios não foram incluídos na pesquisa, como é o caso de Serra do Navio, um município vizinho ao de Pedra Branca do Amapari.

Serra do Navio é um município localizado na região centro noroeste do Estado do Amapá, distando cerca de 200 km da capital Macapá. Esse município foi criado em 1º de maio de 1992, porém a existência da cidade é anterior a essa data, pois havia sido construída entre o fim da década de 50 e o início dos anos 60 como uma vila de moradia exclusiva para funcionários da mineradora Indústria e Comércio de Minérios (ICOMI). Assim, a população dessa vila era formada não apenas por amapaenses, uma vez que a atividade mineradora atraiu pessoas de outros Estados do Brasil (AMAPÁ, 2018; RODRIGUES, 2018). Além disso, o convênio da mineradora com empresas de fora do Brasil também contribuiu para que estrangeiros se instalassem na vila durante o período em que essa empresa a esteve administrando.

Após quase 50 anos de exploração, a ICOMI encerrou suas atividades em 1997 (MORAIS; MORAIS, 2015). No entanto, mesmo com esse ocorrido, Serra do Navio continuou a experimentar o constante fluxo de entrada e saída de pessoas advindas de outros municípios do Amapá, e de outros Estados brasileiros para se estabelecerem na localidade. Muitos funcionários da ICOMI que haviam ingressado na empresa em suas últimas décadas permaneceram no município por motivos como, por exemplo: constituição de família, estabelecimento de negócios próprios como comércio, pelo advento dos concursos públicos, etc. Atualmente, o trabalho em novas empresas mineradoras, empresas terceirizadas e o funcionalismo público são os principais responsáveis por esse fluxo.

Isto posto, é perceptível que Serra do Navio possui um contexto favorável ao desenvolvimento de variantes linguísticas em função de sua formação histórica e do seu constante fluxo migratório ao longo de sua formação até hoje. Desse modo, a presente pesquisa visou contemplar a realidade linguística da localidade, tendo como motivação tais peculiaridades histórico-sociais – que, possivelmente, propiciam a variação –, bem como a ausência de trabalhos de cunho dialetológico e geolinguístico nessa cidade. Com isso, visa-se contribuir com a pesquisa geolinguística realizada no Estado do Amapá, além de abrir caminho para que outros estudos sejam realizados na área de conhecimento em questão, a partir dos resultados deste trabalho.

Este estudo tem como fundamentação teórica os pressupostos da Dialetoлогия. A seguir serão abordados os conceitos basilares, seu histórico e seus desdobramentos desde sua gênese até a atualidade; além disso, serão abordados os métodos de pesquisa relativos a tais áreas.

## 1 DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA

A Dialetoлогия se constituiu como ciência com objeto e metodologia definidos a partir do século XIX (CARDOSO, 2010). O estudo sistemático da variação dialetal começou a ganhar força no fim desse século, à medida que se foram desenvolvendo os princípios metodológicos que dariam forma ao método primordial da Dialetoлогия, a Geografia Linguística ou Geolinguística – incumbida de recolher, sistematicamente, dados que apontam para as diferenças dialetais no espaço geográfico (CARDOSO, 2002).

Para conceituar essa ciência, Cardoso (2002, p. 01) a apresenta como um ramo dos estudos linguísticos que, ao longo da história,

[...] assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados.

Acrescido ao conceito da Dialectologia, tem-se a definição de seu método próprio, a Geolinguística. Esta é descrita por Coseriu (1982, p. 79 apud BRANDÃO, 1991, p. 11-12) como

o método dialectológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

O método geolinguístico, em sua plenitude, foi inaugurado pelo trabalho de Jules Gilliéron intitulado *Atlas Linguistique de La France* (ALF). Apoiado pelo Ministère de l'Instruction Publique, o ALF teve suas coletas realizadas a partir de 1887, começando então a ser publicado em Paris desde 1902 até seus últimos fascículos editados em 1910. Tal pesquisa contou com o trabalho de um só inquiridor, Edmond Edmont, que percorreu 639 localidades durante quatro anos, aplicando um questionário de, inicialmente, 1.400 perguntas, chegando ao final dos inquéritos com o total de 1.900 perguntas (CARDOSO, 2010). Dessa forma, o trabalho essencialmente diatópico de Gilliéron com o ALF, disposto em 1.920 cartas linguísticas, marcou o início do processo de estruturação da Geolinguística como método cartográfico que, atualmente, é imprescindível nos estudos dialectológicos (BRANDÃO, 1991).

Os resultados dos estudos geolinguísticos têm se materializado, ao longo do processo de estruturação desse método, nos atlas linguísticos publicados no encalço do ALF. A respeito da finalidade dos estudos geolinguísticos, Ferreira e Cardoso (1994, p. 20) afirmam que “[...] a publicação de um atlas significa o final de um estágio e o início de uma obra aberta aos estudos dialetais, os mais distintos; é documento irrefutável de uma realidade da língua, diversificada nos seus vários níveis”. O ALF estabeleceu as bases e impulsionou a publicação de novos atlas na Europa, de modo que o método geolinguístico teve alcance também nas Américas (BRANDÃO, 1991).

No entanto, Ferreira e Cardoso (1994) chamam a atenção para outra característica dos estudos dialectológicos, a consideração do aspecto sociocultural dos usuários da língua; pois, apesar de a Dialectologia se mostrar eminentemente diatópica desde sua origem, ela também já interpretava os fatos linguísticos a partir de diferenças sociais, tais como: profissionais, etárias, níveis de escolaridade etc., antes mesmo do estabelecimento da Sociolinguística como uma linha dos estudos linguísticos. Nesse mesmo sentido, Cardoso (2002) assevera a

impossibilidade de a Dialectologia ignorar os fatores extralinguísticos, tendo em vista que a língua é um instrumento por meio do qual as relações sociais são estabelecidas, logo, tais relações exercem implicações sobre a língua.

Assim sendo, no decorrer do processo de constituição da Geolinguística, o método foi sendo aperfeiçoado concernente ao aspecto sociolinguístico. É, então, consolidada no final do século XX, a Geolinguística de abordagem pluridimensional, sobre a qual Cardoso (2002, p. 4-5) pontua que “[...] vai ocupar-se do controle sistemático de variáveis sociais, mas terá que administrar, competentemente, a pluralidade de dados a ser cartografada”. Desse modo, variáveis sociais – idade, gênero, escolaridade, profissão – têm sido levadas em consideração pelos estudos dialetológicos e têm se constituído elementos de investigação somadas ao aspecto diatópico das localidades nas quais se realiza o estudo.

Ainda a respeito da Dialectologia pluridimensional, destaca-se o fato de atualmente o conceito da ciência dialetológica abranger os aspectos sociolinguísticos sem renegar a natureza primordialmente diatópica do método geolinguístico. Pois, apesar de os estudos dialetais possuírem duas diretrizes no exame do fenômeno linguístico – sendo uma a perspectiva diatópica e a outra o enfoque sociolinguístico –, conforme afirma Cardoso (2002), o caráter diatópico da Geolinguística permanece basilar na investigação dialetológica. Sobre esse ponto, Cardoso (2002) declara que na questão diatópica reside a identidade, a definição do campo e a afirmação dos objetivos próprios da Dialectologia.

Diante disso, tem-se que, especificamente no Brasil, os primeiros esforços para a investigação e a descrição do português falado no país foram empreendidos por estudiosos interessados em conhecer com profundidade e documentar, em alguma medida, o falar brasileiro. Ferreira e Cardoso (1994) apontam como primeira manifestação dos estudos dialetais no Brasil, o capítulo escrito por Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, para o livro *Introduction à l'Atlas Ethnographique du Globe*, do geógrafo Adrien Balbi. À época, ministro plenipotenciário do Brasil na França, Barros escreveu, em 1826, um capítulo caracterizando a língua do Brasil. Na descrição, o Visconde de Pedra Branca menciona que o português falado no Brasil já havia agregado ao seu vocabulário palavras e expressões das línguas indígenas, inexistentes no português falado em Portugal.

Mota e Cardoso (2006) concebem a história dos estudos dialetais no Brasil dividida em quatro fases a partir do trabalho pioneiro de Domingos Borges de Barros em 1826: a) a primeira fase é caracterizada pelos estudos do léxico no português brasileiro, dos quais se obtiveram dicionários, vocabulários e léxicos regionais; b) a segunda tem seu início em 1920 com a obra *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral, que se destaca, juntamente com *O*

*Linguajar Carioca* de Antenor Nascentes. Nessa fase, ainda havia a ausência de estudo sistemático, embora já houvesse um olhar metodológico para a realidade dialetal investigada; c) a terceira fase tem início com o interesse pela elaboração do atlas nacional. Além disso, inauguram-se os estudos sistemáticos em Geolinguística, favorecendo a publicação de atlas regionais; d) a quarta fase corresponde ao período desde a implantação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) aos dias atuais.

No tópico seguinte será apresentado o processo de formação do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Posteriormente, serão apresentados atlas e outros trabalhos desenvolvidos na Região Norte do Brasil, na qual se insere a presente pesquisa.

### 1.1 O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Dando-se início à quarta fase dos estudos geolinguísticos no Brasil, foi aprovada a retomada da ideia de elaboração do atlas nacional, agora nomeado *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB). A retomada se deu por ocasião do seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, ocorrido em 1996, em Salvador (CARDOSO, 2010).

Liderando o Projeto ALiB, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) tomou a iniciativa para as atividades e, juntamente com outras dezessete instituições de ensino superior, formou um comitê nacional para o desenvolvimento do Projeto cujos principais objetivos são:

- (i) a descrição da realidade espacial e, conseqüentemente, a busca de definição de áreas dialetais demarcáveis através de isoglossas;
- (ii) o fornecimento de dados que possam contribuir para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna;
- (iii) a indicação de caminhos que explicitem a interface entre os estudos geolinguísticos e os demais ramos do conhecimento, sobretudo trazendo elementos da língua que possam aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado;
- (iv) por fim, mas não em último lugar, o reconhecimento, ou melhor, a apresentação do português brasileiro como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica (CARDOSO, 2010, p. 170-171).

Em relação à metodologia adotada pelo Projeto ALiB, foi estabelecida uma rede de pontos distribuída por 250 localidades abrangendo todo o território brasileiro. Para isso, foram incluídas na rede de pontos cidades de médio e grande porte, sendo excluídas apenas a capital federal e Palmas, isso devido às suas datas recentes de criação, não sendo possível encontrar

nelas informantes com a faixa etária requerida pelo Projeto. Nesse processo, alguns dos pontos sugeridos por Nascentes foram mantidos de acordo com a pertinência para a pesquisa (CARDOSO, 2010).

Os informantes do ALiB totalizam 1.100, de ambos os sexos, distribuídos em duas faixas etárias que compreendem de 18 a 30 anos, e 50 a 65 anos; compreendendo quatro por localidade; sendo que nas capitais se acrescentam mais quatro informantes de nível universitário (MOTA; CARDOSO, 2000; CARDOSO, 2010).

O ALiB considerou três tipos de questionários linguísticos: O fonético-fonológico com 159 perguntas; o semântico-lexical com 202 perguntas; e o morfossintático com 49 perguntas. Aos quais se acrescentam quatro questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, seis perguntas metalinguísticas e um texto para leitura – a “parábola dos sete vimes”. Todos esses aspectos constituem o questionário linguístico do ALiB (CARDOSO, 2010).

Os grandes resultados do Projeto ALiB começam a ser materializados nos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil*, publicados em 2014, os quais reúnem dados de 25 capitais de Estados brasileiras. Esses volumes foram lançados e o Projeto já conta com a promessa de lançamento dos próximos volumes contendo os dados das demais 225 localidades pesquisadas. Os volumes publicados fornecem cartas linguísticas com estudos interpretativos sobre alguns dos aspectos cartografados. Além disso, acrescentam-se a esses dados, informações sonoras que dão acesso ao áudio original da inquirição, ou seja, à voz do informante (site do ALiB). A partir da publicação do ALiB, muitos trabalhos como artigos, monografias, dissertações e teses já foram realizados com base nos dados fornecidos pelo atlas nacional.

Paralelo à produção do ALiB, atlas de abrangência regional e outros trabalhos geolinguísticos são desenvolvidos no Brasil. Tal desenvolvimento alcança a Região Norte, na qual estudos dialetológicos e geolinguísticos são realizados frequentemente, tendo um grande avanço e crescimento no final do século passado e início do atual. O tópico seguinte apresenta sucintamente uma descrição da realização dos atlas nessa região, principalmente os já publicados.

## 1.2 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E GEOLINGUÍSTICOS NA REGIÃO NORTE

Os estudos de caráter dialetológico e geolinguístico empreendidos na Região Norte seguem o curso de elaboração dos atlas de abrangência regional. Nessa região, o primeiro trabalho com este enfoque deu origem ao *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALiSPA), lançado em 2004, sob a coordenação geral de Abdelhak Razky. Tal pesquisa abrange 10

cidades paraenses, tendo sido entrevistados 4 informantes por cidade; conta com apenas um questionário, de natureza fonético-fonológico, composto por 159 questões (ALIPA, 2018).

O segundo atlas a ser publicado na Região Norte foi o *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM, em 2004). Desenvolvido como tese de doutorado por Maria Luiza de Carvalho Cruz, o ALAM abrange em sua pesquisa 9 municípios distribuídos pelo Estado do Amazonas; conta com um questionário de 483 questões divididas em duas seções – Questionário fonético-fonológico (QFF) e Questionário semântico-lexical (QSL) –; as perguntas foram elaboradas com base em questões utilizadas em atlas já publicados e no então Projeto ALiB, que à época já se encontrava em elaboração (CRUZ, 2004).

No mesmo sentido, o *Atlas Linguístico do Amapá* (ALAP, em 2017) constitui-se o terceiro a ser lançado. A pesquisa dirigida por Abdelhak Razky, Celeste Ribeiro e Romário Duarte Sanches abrange 10 municípios do Estado do Amapá selecionados de acordo com critérios estabelecidos como, por exemplo: densidade demográfica, localização espacial e aspectos sócio-históricos dos municípios. Os dados do ALAP foram coletados a partir de dois questionários – o QFF e o QSL, o primeiro composto por 159 questões fechadas, o segundo, por 202 questões abertas (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017).

Em 2018 foram publicados o *Atlas Etnolinguístico do Acre* (ALAC), o *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (ALiTTETO) e o *Atlas Linguístico dos Falares de Manaus* (ALFAMA). O primeiro, de autoria de Luísa Galvão Lessa Karlberg, conta com 220 cartas lexicais e teve a pesquisa realizada em nove zonas e dezoito pontos de inquérito no Estado do Acre. O segundo, tese de autoria de Greize Alves da Silva, conta com dois volumes, traz as cartas linguísticas no segundo volume – 4 cartas introdutórias, 88 cartas fonéticas e 34 cartas lexicais representadas em cartogramas. O terceiro atlas, defendido como dissertação por Letícia Pinto Cardoso, é composto por dois volumes, investigou o aspecto fonético-fonológico do português falado em Manaus, área geográfica não contemplada anteriormente pelo ALAM.

Em 2020 foi publicado o *Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá* (ALIKAP), de autoria de Romário Duarte Sanches, sendo o mais recente atlas da Região Norte. Esse atlas conta com 106 cartas linguísticas que evidenciam a variação lexical do português e do kheuól, variedades de contato. A pesquisa foi desenvolvida na área indígena pertencente aos Karipuna do Estado do Amapá.

Além desses, há alguns projetos de atlas em andamento na Região Norte, como é o caso do Atlas Geossociolinguístico do Pará (Projeto ALIPA), trabalho integrado ao ALiSPA. Essa pesquisa abrange atualmente 57 localidades do Estado do Pará; o questionário utilizado é

composto de duas partes, ambas no aspecto semântico-lexical: uma voltada para os campos semânticos “terra” e “homem”, lendas e superstições, e narrativa pessoal; e outra voltada para situações específicas da região investigada (CARDOSO, 2010; ALIPA, 2018).

Certamente que todo esse percurso da Dialetologia e da Geolinguística no Brasil e, especificamente, na Região Norte evidencia um panorama de avanços e crescimento dessas áreas nos estudos linguísticos brasileiros, nos quais a variação se mostra claramente inerente e evidente nos usos feitos pelos falantes.

### 1.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Desenvolver pesquisas relacionadas a usos orais em comunidade de fala, por exemplo, requer a descrição e a documentação linguísticas. Sendo assim, aspectos ligados à variação, tipos de variação, fatores extralinguísticos, variedade, variável e variantes se tornam fundamentais de serem discutidos, pois, entende-se que tal discussão é necessária para compreensão do fenômeno da variação linguística.

De acordo com a concepção sociolinguista, a língua é “heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em construção” (BAGNO, 2007, p. 36). Desse modo, o fenômeno da diferença entre os falares é denominado variação linguística. Segundo Bagno (2007), o fenômeno da variação ocorre em cada nível da língua, a saber: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico pragmático. Para este trabalho, são relevantes os conceitos de variação semântica e lexical, as quais serão agrupadas em apenas uma denominação – variação semântico-lexical, a respeito da qual se discorrerá posteriormente.

Para uma pesquisa que segue os parâmetros geolinguísticos, é necessária a seleção de um conjunto de fatores de ordem social que auxilia na identificação das diferenças entre os falares. Segundo Cardoso (2010), esses parâmetros dizem respeito a aspectos ligados à origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, por exemplo. Para esta pesquisa serão levados em consideração somente quatro desses fatores citados: a) origem geográfica: por meio da observação desse fator é possível identificar as diferenças por regiões do país, zona rural e zona urbana etc; b) escolaridade: por meio do qual se pode verificar a variação entre indivíduos com mais, ou menos, acesso à educação formal; c) idade: pois, indivíduos de diferentes gerações não falam da mesma maneira; d) sexo: pois, homens e mulheres fazem usos diferentes dos recursos linguísticos.

Outros três conceitos importantes são os de variedade, variável e variante. Um modo de falar específico é uma variedade, ou seja, os diferentes modos de falar em uma língua são

chamados de variedades linguísticas. Uma variedade é delimitada pelos fatores sociais que forem selecionadas para a investigação (BAGNO, 2007). Já o termo variável corresponde a regras na língua que podem ser realizadas de diferentes maneiras. Seguido a esse, vem o termo variante, que designa cada uma das realizações possíveis de uma variável.

Paim (2011, p. 02) citando Fiorin (2000) afirma que “o léxico de uma língua é constituído da totalidade das palavras que ela possui [...]”. A partir desse entendimento, Paim (2011) ressalta que a dinamicidade da língua permite a adequação dos usos lexicais feitos pelos falantes de determinada língua aos mais diferentes contextos de comunicação. Desse modo, o nível lexical se mostra um campo produtivo para observações e análises, tendo em vista sua amplitude de usos nas diversas situações comunicativas.

De acordo com Basilio (2007), os itens lexicais – as palavras – são os elementos básicos para se elaborar enunciados. Assim, a formação de palavras, no sentido ativo do termo – processo de formar novas palavras –, constitui-se a principal atividade de mudança no aspecto lexical. Isso se deve, segundo Basilio (2007), à necessidade por parte do falante ou de se utilizar o significado de uma palavra em uma classe gramatical diferente, ou de se atribuir outro significado a um determinado item lexical básico. Sendo assim, pelo processo de formação de palavras, é possível a ampliação do repertório linguístico de um determinado grupo de falantes, em um determinado contexto social, histórico, cultural e geográfico.

O aspecto semântico também está relacionado à situação comunicativa, de modo que o valor semântico de um item lexical pode ser variado, pois este não é construído desprovido de um contexto social, e, por esse motivo, só pode ser analisado se levado em consideração o contexto de produção de determinado uso (PAIM, 2011).

Diante disso, Fernández (1998 apud PAIM, 2011, p. 02) destaca que

[...] a variação lexical objetiva explicar o uso alternante de certas formas léxicas em umas condições linguísticas e extralinguísticas determinadas [...] Ao mesmo tempo, busca-se identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais: léxico de faixa etária, de profissão etc [...]

Para esta pesquisa foram considerados tanto o aspecto lexical quanto o semântico, em contextos de zona urbana. Além disso, na coleta dos dados foram levados em consideração fatores sociais que podem exercer influências no repertório lexical dos falantes como: faixa etária, sexo, escolaridade e área geográfica.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a coleta de dados na presente pesquisa, utilizou-se todo o Questionário Semântico-Lexical (QSL), desenvolvido e utilizado pelo Projeto ALiB. Tal instrumento é composto por 202 questões distribuídas em 14 campos semânticos. Cada campo possui as questões relativas a uma determinada área semântica, são os seguintes: “Acidentes geográficos”, “Fenômenos atmosféricos”, “Astros e tempo”, “Atividades agropastoris”, “Fauna”, “Corpo humano”, “Ciclos da vida”, “Convívio e comportamento social”, “Religião e crenças”, “Jogos e diversões”, “Habitação”, “Alimentação e cozinha”, “Vestuário e acessórios” e “Vida urbana”.

A aplicação do questionário se realizou por meio de uma entrevista. Buscou-se utilizar linguagem informal com os entrevistados a fim de que, tanto quanto fosse possível, a inquirição se aproximasse de uma conversa e esses se sentissem incentivados a falar. No processo de coleta de dados foi utilizado o mini-gravador de voz Panasonic RR-US510 IC Recorder para registro sonoro das entrevistas, tendo em vista à quantidade de dados a ser coletada.

As variáveis sociais selecionadas para a coleta de dados são escolaridade, faixa etária, sexo e área geográfica; esses critérios foram os mesmos utilizados pelo Projeto ALAP. O perfil dos informantes obedece aos seguintes critérios: 1 (um) homem e 1 (uma) mulher na faixa etária de 18-30 anos com Ensino Fundamental incompleto; 1 (um) homem e 1 (uma) mulher com idade entre 50 e 75 anos com Ensino Fundamental incompleto. Todos os informantes deveriam ser naturais de Serra do Navio e não ter se ausentado dela por mais de um terço de sua vida, além de residirem à época da entrevista na Vila de Serra do Navio.

O local pesquisado foi a cidade de Serra do Navio, localizada a cerca de 200 km da capital amapaense. Atualmente, o município possui população estimada em 5.111 habitantes e densidade demográfica de 0,56 hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2018). A área pesquisada foi a Vila de Serra do Navio, que corresponde à parte urbana do município; esta é formada por três bairros planejados pela empresa criadora da cidade, também por novos bairros e extensões das ruas principais.

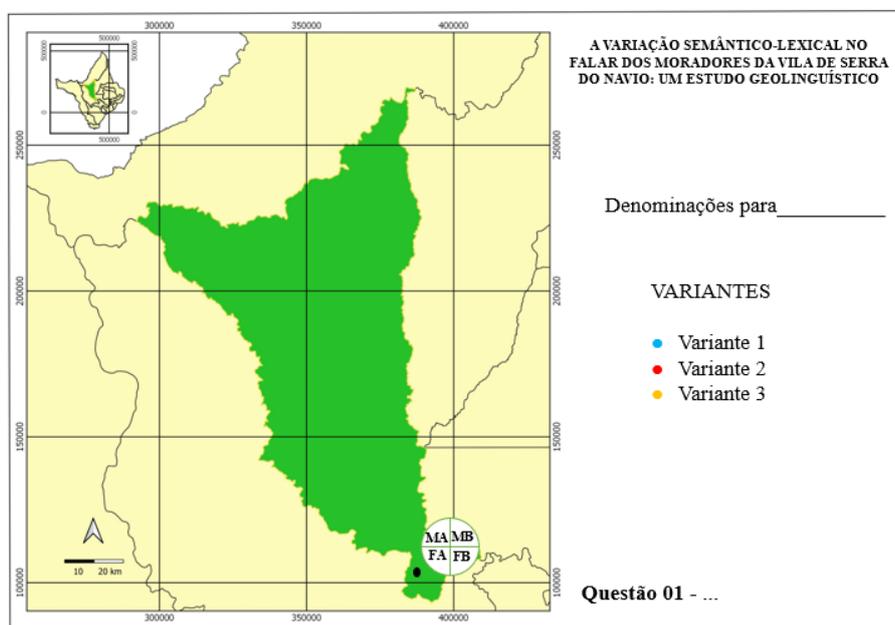
A escolha por essa área se deve à observação de especificidades histórico-sociais no seu processo de formação histórica, pois a Vila de Serra do Navio (sede municipal) foi, a princípio, construída por uma empresa de iniciativa privada para uso exclusivo de seus funcionários. Além disso, foi escolhida a sede do município por ser este o padrão seguido pelo Atlas Linguístico do Amapá. Convém dizer que o aspecto social, de modo geral,

construído na trajetória histórica do município revela hoje diferenças sociais, o que sugere a presença de diversidade linguística.

Após a coleta e armazenamento dos dados, os áudios foram ouvidos e transcritos grafematicamente. Posteriormente, empreendeu-se uma triagem para averiguação das respostas válidas<sup>3</sup> e, assim, organizou-se os dados conforme o campo semântico em tabelas. Desse modo, o *corpus* da pesquisa é constituído pelas respostas dadas pelos 4 informantes a 202 perguntas do Questionário Semântico-lexical, totalizando 132 questões com respostas válidas (apêndice A); contudo, devido à extensão do gênero artigo científico, apenas 4 cartas linguísticas foram produzidas com a finalidade de descrição na presente publicação.

Os dados desta pesquisa estão dispostos em cartas linguísticas na seguinte configuração: carta-base do município de Serra do Navio com os dados linguísticos – variantes e a pergunta do QSL a partir da qual os dados se originaram –, a indicação de sexo e faixa etária dos falantes – masculino (M) e feminino (F); faixa etária de 18-30 (A) e faixa etária de 50-75 (B) –, conforme mostra a figura 1 a seguir.

Figura 1 – Carta 01 – carta-base



Fonte: Ricardo Melo, 2020<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Entendem-se como respostas válidas aquelas que atendem à pergunta do QSL realizada pelo inquiridor.

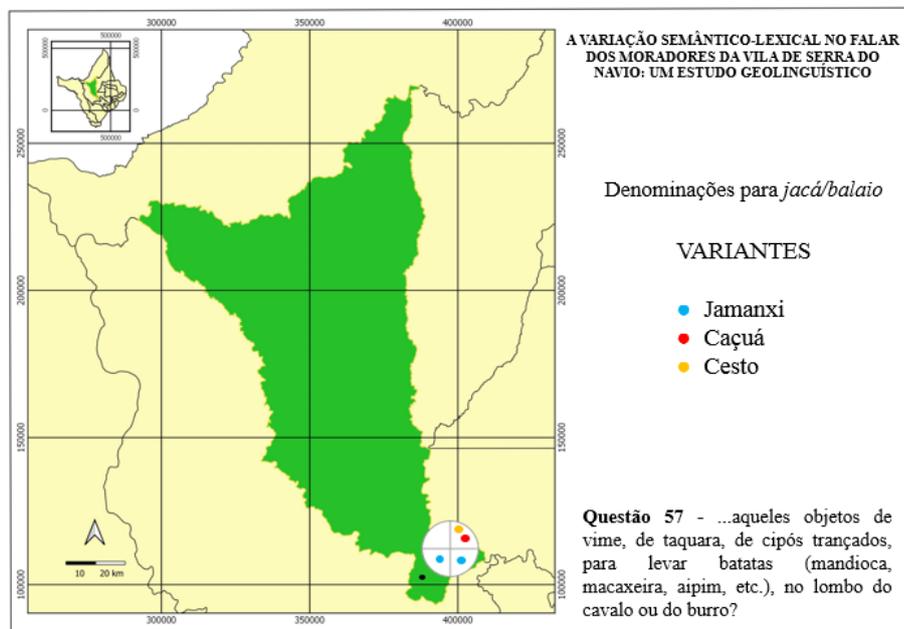
<sup>4</sup> Técnico em Geologia responsável pela produção dos dados cartográficos da carta-base utilizada nesta pesquisa.

### 3 RESULTADOS

Neste tópico serão apresentados alguns dos principais resultados obtidos na pesquisa. A presente análise consiste em evidenciar as variantes encontradas na localidade em estudo. O primeiro item lexical a ser descrito pertence ao campo semântico “Atividades agropastoris”, denomina-se JACÁ/BALAIÃO, resultante da questão 57 do QSL: “como se chamam aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançados, para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?”, a figura 2 a seguir evidencia o resultado.

#### A) Item lexical JACÁ/BALAIÃO

Figura 2 – Carta 02 – item lexical “Jacá/balaio”

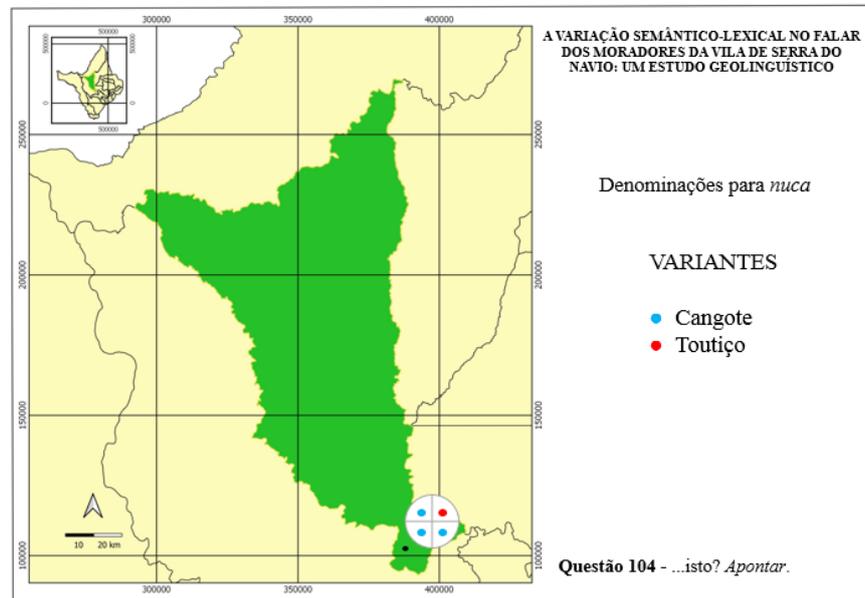


Fonte: Dados de pesquisa

Na figura 2 “Jamanxi”, “Cesto” e “Caçua” aparecem como respostas para a questão 57. Nessa carta observa-se que as mulheres, das duas faixas etárias, denominam o objeto em questão como “Jamanxi” enquanto o homem da segunda faixa etária utiliza dois outros vocábulos para se referir ao mesmo item, “Cesto” e “Caçua”. O informante homem da primeira faixa etária não respondeu à pergunta.

## B) Item lexical NUCA

Figura 3 – Carta 03 – item lexical “Nuca”

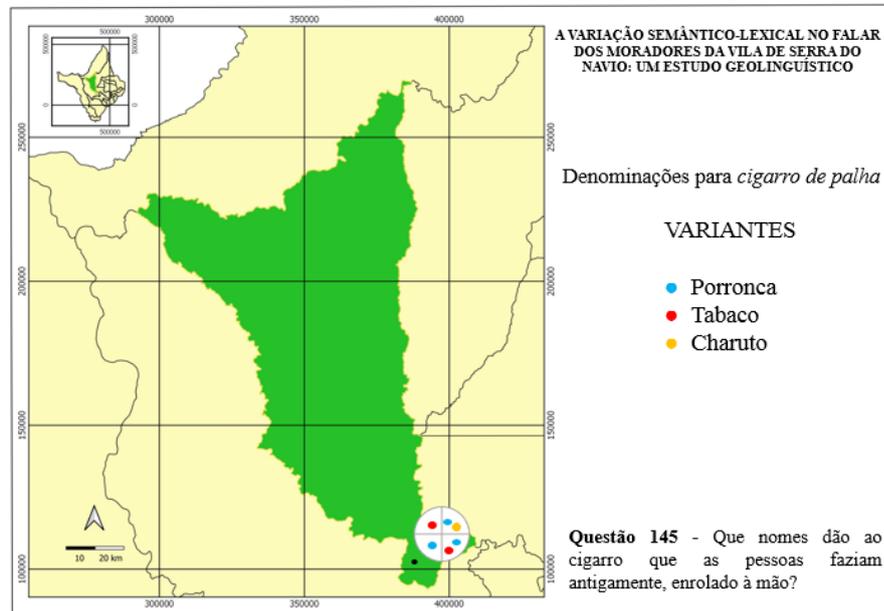


Fonte: Dados de pesquisa

O próximo item analisado é NUCA, item pertencente ao campo semântico “Corpo humano”, originado da pergunta nº 104 do QSL: “como se chama isto? *Apontar*”, como se pode observar na carta acima. A carta 3 evidencia que os falantes utilizaram “Cangote” e “Toutiço” para denominar o item NUCA. Observa-se que apenas o falante masculino da segunda faixa etária faz uso de “Toutiço”, enquanto todos os outros utilizaram “Cangote”.

## C) Item lexical CIGARRO DE PALHA

Figura 4 – Carta 04 – item lexical “Cigarro de palha”

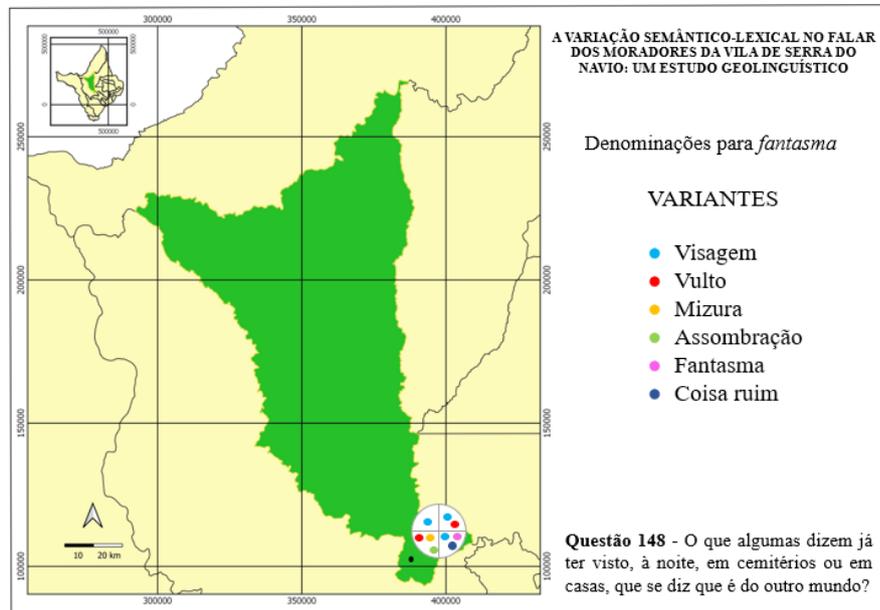


Fonte: Dados de pesquisa

O item da carta 4 acima, CIGARRO DE PALHA, pertence ao campo semântico “Convívio e comportamento social”, seus dados são originados a partir da pergunta nº 145 do QSL: “Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?”. Todos os falantes utilizaram “Porronca”, com exceção do informante masculino mais jovem; na fala do homem mais jovem e da mulher mais velha aparece “Tabaco”; apenas o homem mais velho utilizou a denominação “Charuto”.

## D) Item lexical FANTASMA

Figura 5 – Carta 05 – item lexical “Fantasma”



Fonte: Dados de pesquisa

Na carta 5, tem-se o item FANTASMA, pertencente ao campo semântico “Religião e crenças”, com dados originados a partir da questão nº 148 do QSL: “O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?”.

Ao observar a carta, é evidente a produtividade por meio da quantidade de variantes empregadas pelos falantes para denominar um único item lexical. Desse modo, na carta acima, observa-se o uso de “Visagem” por todos os informantes, exceto pela mulher mais jovem; o uso de “Vulto” aparece na fala da mulher mais jovem e do homem mais velho; a mulher mais jovem utiliza ainda “Mizura” e “Assombração”, enquanto a mulher mais velha utiliza “Fantasma” e “Coisa ruim”.

A despeito da quantidade significativa de variantes, observa-se que apenas os termos “Visagem” e “Vulto” se repetem nas duas faixas etárias e nos dois gêneros, mesmo de maneira irregular. Nesse sentido, as demais variantes são utilizadas isoladamente por cada um dos informantes, o que sugere o uso de outras denominações para FANTASMA na fala corrente, todavia com utilização mais restrita, seja pela idade ou pelo gênero, ou ainda pela situação comunicativa. Como já mencionado nesta pesquisa, de acordo com Paim (2011), o que permite a adequação dos usos lexicais aos contextos diversos é o caráter dinâmico da língua. Assim, é inferível que a variabilidade no repertório lexical dos falantes para

denominação de um mesmo item se dê em função da adequação necessária a cada contexto comunicativo.

### 3.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados encontrados mostraram que o ponto de inquérito considerado neste estudo apresentou um número significativo de variantes sendo 3 para o item A; 2 para o item B; 3 para o item C e 6 variantes para o item D. Essas variantes evidenciaram de forma bem delineada a variação diageracional sobretudo nas cartas 3, 4 e 5. Na carta 2 visualiza-se também a variação diasssexual, haja vista que aparecem variantes usadas apenas por mulheres como “Jamanxi” e outras empregadas só pelos homens como “Caçuá” e “Cesto”. Registra-se ainda que alguns itens lexicais inquiridos não eram conhecidos e/ou não pertenciam ao repertório linguístico dos falantes serranos, tal qual ocorreu na carta 2, em que o homem da primeira faixa etária não soube denominar o item em questão.

Assim, observa-se que a comunidade de fala presente em Serra do Navio, no estado do Amapá, não apresenta realizações lexicais categóricas, nem monoléxicas, haja vista o número de variantes que apareceram entre os usos feitos pelos moradores dessa comunidade, registrando, assim, um índice de variação predominantemente heteroléxica.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta pesquisa cogitou-se a produção de cartas linguísticas apenas no caso de variantes específicas e caracterizadoras do local pesquisado. Contudo, após a coleta e tratamento dos dados, levou-se em consideração o efeito das peculiaridades históricas do município sobre a realidade linguística lexical e se fez notória a ausência de variantes restritas ao falar dos moradores da Vila de Serra do Navio. Sendo assim, optou-se por produzir as cartas somente com o fim de situar os usos lexicais encontrados e facilitar a visualização dos resultados neste estudo.

Quanto às variáveis sociais selecionadas para a coleta dos dados, verifica-se uma delimitação não muito clara entre o repertório lexical dos mais jovens e dos mais velhos. O mesmo ocorre quanto aos gêneros feminino e masculino, os dados não sugerem delimitações categóricas para a afirmação de um vocabulário característico desse ou daquele gênero. Tal constatação corrobora com a ideia de que essa heterogeneidade encontrada nos usos lexicais feitos por falantes serranavienses reflete a realidade social heterogênea do município devido às múltiplas trocas entre os gêneros, entre as gerações e origens geográficas desde sua criação até o presente.

Nesse sentido, infere-se que essa variação lexical observada nos dados obtidos em Serra do Navio reflete o contexto histórico-cultural do referido município. Pelo contexto histórico de Serra do Navio, notamos que, desde seu início, houve um grande fluxo de pessoas advindas de outras localidades, proporcionando constante trocas entre os falantes provenientes do município e de pessoas advindas de outras localidades do Estado e do país. Embora a proximidade com pessoas estrangeiras tenha sido significativa apenas durante a estadia da mineradora ICOMI na localidade, o fluxo migratório não deixou de ocorrer após a saída, mesmo que em proporções significativamente menores e esporádicas.

Nesse sentido, por meio da realidade linguística do atual município, pode-se remeter à sua realidade histórico-geográfica, pois não se mostrou possível definir um falar restrito à Serra do Navio, ou vocábulos específicos, ou ainda variantes inéditas. Entretanto, por meio dos resultados identifica-se um repertório lexical construído com base na diversidade e troca entre os falantes das mais diversas origens no decorrer do processo histórico de fundação e crescimento do referido município.

A realidade social de Serra do Navio não diz respeito apenas ao seu passado, referente a seu processo de criação, mas também aos novos moradores advindos de outras localidades do Estado do Amapá e de outros Estados no decorrer dos anos após a saída da empresa fundadora, além daqueles que residem atualmente no município. O fluxo atual de pessoas se dá em razão de turismo, mudanças por causa das empresas, contrato de profissionais da educação, deslocamento por conta de estudos universitários fora do município. Somado a isso, o acesso virtual intensificou as trocas que já eram constantes na realidade social de Serra do Navio. Tal realidade social exerce implicações sobre a realidade linguística, sobretudo, na diversidade lexical e no estabelecimento do repertório lexical da Vila em questão.

Embora, atualmente, o acesso ao repertório lexical de pessoas de outras localidades e realidades seja intensificado pelo acesso à internet, isso não significa que a variação lexical caminha para uma espécie de homogeneidade, pelo contrário, as trocas virtuais entre falantes evidenciam a língua como organismo vivo e dinâmico, e inerentemente heterogêneo. Isso porque o conhecimento de mundo e a percepção dos indivíduos inseridos em comunidades de fala se diferencia a medida que a realidade histórica, cultural e social de um determinado grupo de falantes permanece heterogênea.

O presente trabalho traz contribuições para a pesquisa geolinguística já realizada pelo Projeto ALAP. Além disso, constitui-se um material pioneiro concernente à realidade linguística referente ao nível lexical do município de Serra do Navio, um local com um contexto histórico peculiar que, todavia, não possuía nenhum trabalho a respeito da variação

linguística possibilitada por esse processo histórico. A pesquisa de cunho geolinguístico nessa localidade serve não apenas aos fins acadêmicos, mas também às discussões linguísticas na sala de aula da Educação Básica, mediadas pelo professor de Língua Portuguesa. Portanto, o estudo não se esgota no presente trabalho, mas abre caminho para novas pesquisas na área da Geolinguística.

O presente estudo instiga e sugere outras investigações linguísticas que contemplem também os distritos no entorno à sede, como Cachaço, Colônia do Cachaço, Colônia de Água Branca, Comunidade do Perpétuo Socorro, Comunidade da Pedra Preta, Comunidade do Arrependido. Novas pesquisas são necessárias não com o fim de comparação com os dados do ALAP, mas para documentação e análise entre os possíveis pontos do próprio município. Além disso, estudos dialetológicos, e até de outros cunhos, podem ser desenvolvidos a partir dos demais dados coletados pela presente pesquisa que não foram contemplados neste artigo.

### **SEMANTIC-LEXICAL VARIATION IN THE SPEAK OF RESIDENTS OF SERRA DO NAVIO TOWN: A GEOLINGUISTICS STUDY**

**Abstract:** Through this Project we aim to map the linguistic uses produced by the residents of Serra do Navio Village, a town in the State of Amapá, concerning the semantic-lexical aspects of the Brazilian spoken Portuguese. This search follows the theoretical and methodological assumptions of the Dialectology (CARDOSO, 2002) and the Geolinguistics (CARDOSO, 2010). The data collect was held in the urban area of Serra do Navio and had four informants, of the age groups of 18-30 and 50-75, one man and one woman of each group, all of them with schooling degree of Ensino Fundamental unfinished. By the results, we have a sample of the linguistic reality of the town of Serra do Navio. It is observed by means of the data that the lexical repertoire of speakers from Serra do Navio is built from the exchanges between speakers of different origins, mainly, due to the process of creation of the town and also due to its migratory flow, although this movement is currently sporadic. Moreover, the increase of virtual access in the local intensifies the exchange with speakers of other localities nowadays. The found lexical variation reflects the social reality of the investigated town.

**Keywords:** Dialectology. Geolinguistics. Lexical Variation. Linguistic Mapping. Serra do Navio.

## REFERÊNCIAS

- AMAPÁ. *Serra do Navio*. Disponível em: <<http://www4.ap.gov.br>>. Acesso em: 19 abr. 2018.
- ALIPA. *Apresentação*. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/alipa/>>. Acesso em: 07 mar. 2018.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. *Os estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil*. RRL, LIII, 1–2, p. 125–140, București, 2008. Disponível em: <[www.lingv.ro/RRL%201-2%202008%20Silva%20de%20Aragao.pdf](http://www.lingv.ro/RRL%201-2%202008%20Silva%20de%20Aragao.pdf)>. Acesso em: 07 dez. 2017.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios – 88).
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A Sociolinguística: uma nova maneira de ler o mundo. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org.). *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 11-21.
- BRANDÃO, S. F. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- BRITO, Daniel Chaves de. *Extração mineral e relações de trabalho na Amazônia: a experiência da exploração de manganês em Serra do Navio*. Papers do NAEA nº 039. Belém: Universidade Federal do Amapá, 1995.
- CARDOSO, S. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, S. *A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?* Revista GELNE, v. 4, n. 2, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088>>. Acesso em: 07 dez. 2017.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. 13 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM: a natureza de sua elaboração* [2004?]. Disponível em: <[http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/07\\_6.pdf](http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/07_6.pdf)>. Acesso em: 07 mar. 2018.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A Dialectologia no Brasil: metodologia do trabalho dialetal, inquérito linguístico e atlas dialetológico, regionalismos léxicos*. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

FIORIN, José Luiz. *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2015.

IBGE. *Serra do Navio*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/serra-do-navio>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

MORAIS, Paulo Dias; MORAIS, Jurandir Dias. *Geografia do Amapá*. Macapá: JM Editora Gráfica, 2015.

MOTA, J.; CARDOSO, S. Dialectologia brasileira: o atlas linguístico do Brasil. Revista *ANPOLL*, n. 8, p. 41-57, jan./jun. 2000.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros*. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs.). Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-26.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical do português falado no Brasil: reflexões sobre o campo semântico vestuário e acessórios nos dados do Projeto ALiB. In: VI Simpósio Internacional dos Estudos dos Gêneros Textuais, 2011, Natal. *VI Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais*, v. 1. Natal: EDUFERN, 2011. p. 102-103.

RAZKY, Abdelhak. A dimensão sociodialetal do léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 247-270, dez. 2013.

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte. *Atlas Linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

RODRIGUES, Edgar. *Serra do Navio: conheça o Amapá*. Disponível em: <[http://www.amapadigital.net/serra\\_navio.php](http://www.amapadigital.net/serra_navio.php)>. Acesso em: 19 abr. 2018.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

APÊNDICE A – Triagem dos dados em tabelas: 132 respostas válidas

01 – CÓRREGO/RIACHO

...um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

Usos:

FA	MA	FB	MB
Igarapé	Igarapé Riacho	...	Igarapé

02 – PINGUELA

...tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um igarapé?

Usos:

FA	MA	FB	MB
Pau	Tronco	Estiva	Ponte de socorro

04 – REDEMOINHO (DE ÁGUA)

Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa pra baixo. Como se chama isso?

Usos:

FA	MA	FB	MB
Redemoinho	Redemoinho	Redemoinho	Redemoinho

## 05 – ONDA DE MAR

...o movimento da água do mar?

Usos:

FA	MA	FB	MB
Maresia	...	...	Maresia
Onda			

## 06 – ONDA DE RIO

...o movimento da água do rio?

Usos:

FA	MA	FB	MB
Maresia	...	...	Maresia

## 07 – REDEMOINHO (DO VENTO)

...o vento que vai virando em roda, levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

Usos:

FA	MA	FB	MB
Redemoinho	Redemoinho	Redemoinho	...

## 09 – RAIOS

...uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

Usos:

FA	MA	FB	MB
Raio	...	Raio	Raio

## 10 – TROVÃO

...o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?

FA	MA	FB	MB
Trovão	Trovão	Trovão	Trovão

## 11 – TEMPORAL/TEMPESTADE/VENDAVAL

...uma chuva com vento forte que vem de repente?

FA	MA	FB	MB
Tempestade Ventania	Chuva forte	Trovoada Tempestade	Tempestade

## 15 – CHUVA DE PEDRA

Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

FA	MA	FB	MB
Granizo	Granizo	...	Granizo

## 17 – ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas.

Que nomes dão a essa faixa?

FA	MA	FB	MB
Arco-íris	Arco-íris	Arco-íris	Arco-íris

## 18 – GAROA

...uma chuva bem fininha?

FA	MA	FB	MB
Chuveiro	Chuveiro	Chuva fina	Chuva lenta

## 19 – TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA

Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?

FA	MA	FB	MB
Úmida	...	Úmida	Úmida

## 20 – ORVALHO/SERENO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

FA	MA	FB	MB
Orvalho	...	Sereno	Sereno da noite Neblina

## 21 – NEVOEIRO/CERRAÇÃO/NEBLINA

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

FA	MA	FB	MB
Neblina	Neblina	Neblina	Neblina Neve

## 28 – ANOITECER

...o começo da noite?

FA	MA	FB	MB
Escurecer Anoitecer	...	Boca da noite	...

## 37 – ANTEONTEM

...o dia que foi antes desse dia?

FA	MA	FB	MB
Anteontem	Anteontem	Antes de ontem	Antes de ontem

## 39 – TANGERINA/MEXERICA

...as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

FA	MA	FB	MB
Tangerina	Tangerina	Tangerina	Tangerina

## 40 – AMENDOIM

...o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?

FA	MA	FB	MB
...	...	Amendoim	Amendoim

## 42 – PENCA

...cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?

FA	MA	FB	MB
Penca	Cacho	Penca	Penca

## 43 – BANANA DUPLA/FELIPE/GÊMEAS

...duas bananas que nascem grudadas?

FA	MA	FB	MB
...	Gêmeas	Gêmeas	Gêmeas

44 – PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/UMBIGO/CORAÇÃO

...a ponta roxa no cacho da banana?

FA	MA	FB	MB
...	...	Mangará	Mangará

45 – ESPIGA

Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé?

FA	MA	FB	MB
Espiga	...	Espiga	Espiga

46 – SABUGO

Quando se tira da espiga todos os grãos do milho, o que sobra?

FA	MA	FB	MB
Espiga	...	Sabugo	Sabugo

49 – VAGEM DO FEIJÃO/BAINHA

Onde é que ficam os grãos de feijão, no pé, antes de serem colhidos?

FA	MA	FB	MB
...	...	Vagem	Vagem

50 – MANDIOCA/AIPIM

...aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

FA	MA	FB	MB
Macaxeira	Macaxeira	Macaxeira	Macaxeira

## 51 – MANDIOCA

...uma raiz parecida com macaxeira que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?

FA	MA	FB	MB
...	...	Mandioca	Mandioca

## 52 – CARRINHO DE MÃO/CARRIOLA

...um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?

FA	MA	FB	MB
Carrinho de mão	Carrinho de mão	Carro de mão	Carrinho de mão

## 53 – HASTES DO CARRINHO DE MÃO

...as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o carrinho?

FA	MA	FB	MB
Cabo	Mão	Cabo	Cabo

## 55 – CANGALHA

...a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas?

FA	MA	FB	MB
...	...	Cangalha	Cangalha

## 57 – JACÁ/BALAIÃO

...aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançados, para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro?

FA	MA	FB	MB
Jamanxi	...	Jamanxi	Cesto Caçua

## 62 – PICADA/ATALHO ESTREITO

O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?

FA	MA	FB	MB
Caminho	Varador	Picada	Picada

## 63 – TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA

...o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

FA	MA	FB	MB
Caminho	Caminho	Caminho seguido	Trilha

## 64 – URUBU

...a ave preta que come animal morto, podre?

FA	MA	FB	MB
Urubu Cabeça seca	Urubu	Urubu	Urubu

## 65 – COLIBRI/BEIJA-FLOR

...o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

FA	MA	FB	MB
Beija-flor	Beija-flor	Beija-flor	Beija-flor

## 67 – GALINHA D'ANGOLA/GUINÉ/COCAR

...a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

FA	MA	FB	MB
Tô fraco	...	Picote	Galinha d'angola Picote

## 68 – PAPAGAIO

...a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?

FA	MA	FB	MB
Papagaio	Papagaio	Papagaio	Papagaio

## 69 – SURA

...uma galinha sem rabo?

FA	MA	FB	MB
Cotó	...	Bicó	Soró

## 70 – COTÓ

...um cachorro de rabo cortado?

FA	MA	FB	MB
Cotó	...	Bicó	Cotó

## 80 – ÚBERE

Em que parte da vaca fica o leite?

FA	MA	FB	MB
Teta Peito	Peito	Peito Úbere	Úbere Peito

## 82 – MANCO

...o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?

FA	MA	FB	MB
Manco	Manco	Manco	Perna curta Capenga

## 83 – MOSCA VAREJEIRA

...um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

FA	MA	FB	MB
Varejeira	...	Varejeira	...

## 84 – SANGUESSUGA

...um bichinho que se gruda na pele das pessoas quando elas entram num igarapé?

FA	MA	FB	MB
Sanguessuga	Sanguessuga	Sambexuga	...

## 85 – LIBÉLULA

...o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

FA	MA	FB	MB
Cigarra	...	Jacinta	...

## 86 – BICHO DE FRUTA

...aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

FA	MA	FB	MB
Turú	Micróbio Bicho	Bicho	Bicho de goiaba

## 87 – CORÓ

...aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?

FA	MA	FB	MB
Turú	...	Tapuru	Tapuru

## 88 – PERNILONGO

...aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?

FA	MA	FB	MB
Carapanã	Carapanã	Carapanã	Carapanã

## 90 – CISCO

...alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

FA	MA	FB	MB
Cisco	Cisco	Cisco	...

## 91 – CEGO DE UM OLHO

...a pessoa que só enxerga com um olho?

FA	MA	FB	MB
Caolho	Cego de um lado	Cego de um lado	Só enxerga de um lado

## 92 – VESGO

...a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?

FA	MA	FB	MB
Vesgueto	Vesgo	Vesgo	Zanoio

## 93 – MÍOPE

...a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?

FA	MA	FB	MB
Tem problema de vista	Problema de vista	Falta de vista	Problema na vista

## 94 – TERÇOL/VIÚVA

...a bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha?

FA	MA	FB	MB
Terçol	Terçol	...	Terçol

## 95 – CONJUNTIVITE/DOR D'OLHOS

...a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

FA	MA	FB	MB
Conjuntivite	Conjuntivite	Conjuntivite	Conjuntivite

## 97 – DENTES CANINOS/PRESAS

...esses dois dentes pontudos? *Apontar.*

FA	MA	FB	MB
Dente de vampiro	Dente de vampiro	Presas	...

## 100 – DESDENTADO/BANGUELA

...a pessoa que não tem dentes?

FA	MA	FB	MB
Desdentado	Desdentado	Desdentado	Banguela

## 101 – FANHOSO/FANHO

...a pessoa que parece falar pelo nariz?

FA	MA	FB	MB
Fonfon	Fonfon	Fanhosa	Fanhoso

## 102 – MELECA/TATU

...a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

FA	MA	FB	MB
Bustela Meleca	Bustela	Bustela	Bustela

## 103 – SOLUÇO

...este barulhinho que se faz? *Soluçar.*

FA	MA	FB	MB
Soluço	Soluço	Soluço	Soluço

## 104 – NUCA

...isto? *Apontar.*

FA	MA	FB	MB
Cangote	Cangote	Cangote	Toutiço

## 105 – POMO-DE-ADÃO/GOGÓ

...esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar.*

FA	MA	FB	MB
Gogó	Gogó	Gogó	Gogó

## 106 – CLAVÍCULA

...o osso que vai do pescoço até o ombro? *Apontar.*

FA	MA	FB	MB
Clavícula	...	Clavícula	Clavícula Cantareira

## 107 – CORCUNDA

...a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (*mímica*)?

FA	MA	FB	MB
Cacunda	...	Cacunda	Cacundo

## 108 – AXILA

...esta parte aqui? *Mostrar.*

FA	MA	FB	MB
Axila Sovaco	Axila Sovaco	Axila Sovaco	Sovaco

## 109 – CHEIRO NAS AXILAS

...o mau cheiro embaixo do braço?

FA	MA	FB	MB
Inhaca	Inhaca	Odor	...

## 110 – CANHOTO

...a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? *Completar com o gesto.*

FA	MA	FB	MB
Canhoto	Canhoto	Contra-deus Canhoto	Canhoto

## 111 – SEIOS/PEITO

...a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

FA	MA	FB	MB
Seio Peito	Seios	Seios	Seio

## 112 – VOMITAR

Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que ela vai o quê?

FA	MA	FB	MB
Vomitar	Vomitar	...	Vomitar

## 114 – PERNETA

...a pessoa que não tem uma perna?

FA	MA	FB	MB
Aleijado	Aleijado	Deficiente	Aleijado Defeituoso

## 115 – MANCO

...a pessoa que puxa de uma perna?

FA	MA	FB	MB
Manco	Manco	Coxó	Capenga

## 116 – PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS

...a pessoa de pernas curvas?

FA	MA	FB	MB
Especial Deficiente	...	Perna torta	Perna torta

## 117 – RÓTULA/PATACA

...o osso redondo que fica na frente do joelho?

FA	MA	FB	MB
...	...	Rótula	Bolacha do joelho

## 118 – TORNOZELO

...isto? *Apontar.*

FA	MA	FB	MB
...	...	Tornozelo	Tornozelo

## 119 – CALCANHAR

...isto? *Apontar.*

FA	MA	FB	MB
Calcânhar	Calcânhar	Calcânhar	Calcânhar

## 120 – CÓCEGAS

Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? *Mímica.*

FA	MA	FB	MB
Cosquinha	Cosquinha	Cosquinha	Cócega

## 121 – MENSTRUACÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

FA	MA	FB	MB
Menstruação Bandeira vermelha	Menstruação	Menstruação	Menstruação

## 122 – ENTRAR NA MENOPAUSA

Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher...

FA	MA	FB	MB
Menopausa	...	Menopausa	...

## 123 – PARTEIRA

...a mulher que ajuda a criança nascer?

FA	MA	FB	MB
Parteira	...	Parteira	Parteira

## 124 – DAR À LUZ

Chama-se a parteira quando a mulher está para...

FA	MA	FB	MB
Parir	Ter	Dar à luz Ganhar o neném	...

## 125 – GÊMEOS

...duas crianças que nasceram no mesmo parto?

FA	MA	FB	MB
Gêmeos	Gêmeas	Gêmea	Gêmeo

## 126 – ABORTO

Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve...

FA	MA	FB	MB
Aborto	Perdeu o bebê	Aborto	Perdeu o bebê Aborto

## 128 – AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chama essa mulher?

FA	MA	FB	MB
Mãe do peito Mãe de leite	...	Mãe de leite	Mãe de leite

## 130 – FILHO ADOTIVO

...a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas é criada por ele como se fosse?

FA	MA	FB	MB
Filho de criação	Afilhado	Adotado	Filho de criação

## 131 – FILHO MAIS MOÇO/CAÇULA

...o filho que nasceu por último?

FA	MA	FB	MB
Caçula	Caçula	Caçula	Caçula

## 134 – MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

FA	MA	FB	MB
Madrasta	Madrasta	Madrasta	Madrasta

## 135 – FINADO/FALECIDO

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

FA	MA	FB	MB
Finada Saudosa	Finado	Falecida	Falecida

## 136 – PESSOA TAGARELA

...pessoa que fala demais?

FA	MA	FB	MB
Tagarela	Matraca	Papagaio Desastrado	Barulhenta

## 138 – PESSOA SOVINA

...a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

FA	MA	FB	MB
Mão de vaca Mão fechada Pão duro	Mão de vaca	Jarana Mão de vaca	Jarana Mau

## 139 – MAU PAGADOR

...a pessoa que deixa suas contas penduradas?

FA	MA	FB	MB
Caloteiro	Caloteiro	Caloteiro Ruim de pagar Velhaco	Caloteiro

## 140 – ASSASSINO PAGO

...a pessoa que é paga para matar alguém?

FA	MA	FB	MB
Matador de aluguel	...	Bandido Pistoleiro	Pistoleiro

## 141 – MARIDO ENGANADO

... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

FA	MA	FB	MB
Corno Chifrudo	Corno	Corno Chifrudo Besta Traído	Traído Abestado

## 144 – BÊBADO

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

FA	MA	FB	MB
Bêbado Alcoólatra Embriagado	Papudinho	Alcoólatra Cachaceiro	Cachaceiro

## 145 – CIGARRO DE PALHA

Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

FA	MA	FB	MB
Porronca	Tabaco	Tabacão Porronca	Charuto Porronca

## 146 – TOCO DE CIGARRO

...o resto do cigarro que se joga fora?

FA	MA	FB	MB
Biata	Bagana	Bagana	Vinte

## 147 – DIABO

Deus está no céu e no inferno está...

FA	MA	FB	MB
Diabo	Satanás	Satanás	Satanás
Satanás		Inimigo	Lúcifer
Lúcifer		Capeta	Diabo
Capeta		Demônio	
Demônio		Bicho feio	

## 148 – FANTASMA

O que algumas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?

FA	MA	FB	MB
Mizura	Visagem	Fantasma	Visagem
Assombração		Visagem	Vulto
Vulto		Coisa ruim	

## 149 – FEITIÇO

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

FA	MA	FB	MB
Macumba	Macumba	Despacho	Feitiço
Despacho		Magia negra	

## 155 – CAMBALHOTA

...a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? *Mímica*.

FA	MA	FB	MB
Carambola	Mortal	Carambela	Cambalote

## 156 – BOLINHA DE GUDE

...as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

FA	MA	FB	MB
Peteca Bolinha de gude	Peteca	Peteca	Peteca

## 157 – ESTILINGUE/SETRA/BODOQUE

...o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho?

FA	MA	FB	MB
Baladeira	Baladeira	Baladeira	Baladeira

## 158 – PAPAGAIO DE PAPEL/PIPA

...o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

FA	MA	FB	MB
Papagaio Rabiola Pipa	Rabiola	Papagaio Pipa	Papagaio

## 160 – ESCONDE-ESCONDE

...a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

FA	MA	FB	MB
Pira-esconde	Pira-esconde	Esconde-esconde	Se esconder

## 162 – PEGA-PEGA

...uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?

FA	MA	FB	MB
Pira-pega	Pira-pega	...	...

## 165 – GANGORRA

...uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? *Mímica*.

FA	MA	FB	MB
Gangorra	Cavalo de pau Cavalinho	Balanço	Balanço

## 166 – BALANÇO

...uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mímica*.

FA	MA	FB	MB
Balanço	Balanço	...	Balanço

## 167 – AMARELINHA

...a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

FA	MA	FB	MB
Amarelinha	Quadrado	Macaca	Macaca

## 168 – TRAMELA

...aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?

FA	MA	FB	MB
Trinco	...	Tramela	Trinco
Tranca			

## 169 – VENEZIANA

Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? *Mostrar gravura.*

FA	MA	FB	MB
Veneziana	Veneziana	Veneziana	Veneziana

## 170 – VASO SANITÁRIO/PATENTE

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

FA	MA	FB	MB
Vaso	Vaso sanitário	Vaso	Vaso

## 172 – BORRALHO

...a cinza quente que fica dentro do fogão à lenha?

FA	MA	FB	MB
Cinza	Cinza	Cinza	Cinza

## 173 – ISQUEIRO/BINGA

Para acender um cigarro, se usa fósforo ou...?

FA	MA	FB	MB
Isqueiro	Isqueiro	Isqueiro	Isqueiro

## 174 – LANTERNA

...aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (*mímica*)?

FA	MA	FB	MB
Lanterna	Lanterna	Lanterna	Lanterna

## 176 – CAFÉ DA MANHÃ

...a primeira refeição do dia, feita pela manhã?

FA	MA	FB	MB
Café da manhã	Café da manhã	Café da manhã	Café da manhã

## 178 – CARNE MOÍDA

...a carne depois de triturada na máquina?

FA	MA	FB	MB
Picadinho	Picadinho	Picadinho	Picadinho

## 179 – CURAU/CANJICA

...uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?

FA	MA	FB	MB
Mingau de milho	Mingau	Canjica	Mingau

## 180 – CURAU

E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?

FA	MA	FB	MB
Mingau de milho	Mingau	Mingau	Mingau

## 181 – MUNGUNZÁ/CANJICA

...aquele alimento feito com grãos de milho, coco e canela?

FA	MA	FB	MB
Mingau de milho	Mingau	Mungunzá	Mingau

## 182 – AGUARDENTE

...a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

FA	MA	FB	MB
Caninha Catuaba Pitú	...	Cachaça	Cachaça Pitú Duelo

## 183 – EMPANTURRADO

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: comi tanto que estou...

FA	MA	FB	MB
Cheia Para explodir Para estourar	Explodindo	Cheia	Afrontado Empasiado Empasmado

## 184 – GLUTÃO

...uma pessoa que normalmente come demais?

FA	MA	FB	MB
Olho grande Guloso	Gulosa	Guloso	Guloso

## 186 – PÃO FRANCÊS

...isto? *Mostrar.*

FA	MA	FB	MB
Careca	Pão Careca	Pão Careca	Pão Careca

## 188 – SUTIÃ

...a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

FA	MA	FB	MB
Sutiã	Sutiã	Sutiã Corpete	Sutiã

## 189 – CUECA

...roupa que o homem usa debaixo da calça?

FA	MA	FB	MB
Cueca	Cueca	Cueca	Cueca

## 190 – CALCINHA

...roupa que a mulher usa debaixo da saia?

FA	MA	FB	MB
Calcinha	Calcinha	Calcinha	Calcinha

## 191 – ROUGE

...aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

FA	MA	FB	MB
Compacto	Compacto	Compacto	Maquilagem

## 193 – DIADEMA/ARCO/TIARA

...o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? *Mímica.*

FA	MA	FB	MB
Tiara Travessa	Tiara	Travessa	Travessa

## 194 – SINALEIRO/SEMÁFORO/SINAL

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

FA	MA	FB	MB
Sinal Semáforo	Sinal	Sinal	Sinal Semáforo

## 195 – LOMBADA/QUEBRA-MOLAS

...aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?

FA	MA	FB	MB
...	...	Quebra-molas	Quebra-molas

## 196 – CALÇADA/PASSEIO

Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

FA	MA	FB	MB
Passarela Calçada	Calçada	Calçada	Calçada

## 198 – ROTATÓRIA/RÓTULA

...aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

FA	MA	FB	MB
...	Rotatória	Rotatória Encruzilhada	Rotatória

## 199 – LOTE/TERRENO/DATA

...a área que é preciso comprar para se fazer uma casa na cidade?

FA	MA	FB	MB
Lote Terreno	Terreno	Terreno	Terreno

## 200 – ÔNIBUS URBANO

...a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

FA	MA	FB	MB
Ônibus Circular	...	Circular	Ônibus circular Ônibus urbano

## 202 - BODEGA/BAR/BOTECO

...um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber cachaça e onde também se pode comprar alguma coisa?

FA	MA	FB	MB
Bar Comércio Comercial	Bar	Bar Bar-lanchonete	Bar Boteco Comércio